

CULTURA & RECREIO

SUPLEMENTO

N.º 9

O MUSEU DA CRIANÇA

em Ponta Delgada (Açores)
é o único do
género no País

Uma entrevista com a sua
fundadora Senhora Dona
MARIA LUISA ATHAYDE

Sempre que tenho a oportunidade de ir à ilha de S. Miguel, uma das visitas que considero obrigatória, é ao Museu Carlos Machado, sem dúvida o mais importante das ilhas.

E julgo obrigatória a visita, pois afigura-se-me uma heresia não estar em dia, tanto quanto possível, com o museu da minha terra.

Assim, e após uma ausência de cerca de três anos, eis-me um dia deabalada ao convento de Santo André, onde se acha instalado o referido Museu, para me identificar com as peças que deram entrada durante esse período.

Mas, ao contrário das visitas anteriores, uma curiosidade especial me acompanhava—ver o que era o «Museu da Criança» secção que eu sabia ali fora instalada há pouco.

Por coincidência curiosa, durante o percurso encontrei uma pessoa amiga, e ao dizer-lhe dos meus propósitos esta me responde: Sabe, o «Museu da Criança» só abre ao público ao domingo». Mais conversa menos conversa e eis que fico sabendo que a sua fundadora, a senhora D. Maria Luisa Athayde, estava em Lisboa, mas que chegaria dentro de dias a Ponta Delgada.

Disse ainda da pena que tinha não

(Continua na 2.ª página)

Dois livros
Dois escritores madeirenses

DONA TRABUCHA — A COSTUREIRA BUCHA

por MARIA DO CARMO RODRIGUES

O DRAMA DO BOBO — por JOÃO FRANÇA

Coube-nos a primazia, de termos sido os primeiros a anunciar a edição do livro de contos para crianças que a nável escritora madeirense Maria do Carmo Rodrigues escreveu e ao qual dera o título de «Dona Trabucha—a costureira bucha».

Sucedeu, porém, que só agora podemos assinalar o seu aparecimento, que se deu em Julho último, por motivo de férias, mas embora um pouco tardiamente, não queremos, deixar de saudar, com os nossos aplausos a auspiciosa estreia desta intelectual madeirense.

Saudamos a estreia do livro em referência, porque a autora, já há anos bastantes que escrevia para jornais e revistas e, diga-se em abono da verdade, os seus artigos, os seus contos, a mór das vezes, senão quase sempre, assinados com o pseudónimo de Suzana Pobre, tinham e têm, um cunho especial, um grande fundo moralizador e um grande poder imaginativo.

«Dona Trabucha — a costureira, bucha» é um livro que há muito requereria o mercado livreiro tão escasso de obras desta especialidade—contos para crianças cuja Arte é bem mais difícil do que os contos para adultos.

De descrição acessível aos leitores a que foi destinado, a sua contextura, entusiasmo da primeira à última página dando-nos a sua leitura a

certeza de estarmos perante uma escritora a quem o género de literatura infantil muito poderá ficar a dever.



Maria do Carmo Rodrigues

A apresentação gráfica é magnífica e muito sugestivos os desenhos de Eugénia Noronha, madeirense também.

A Maria do Carmo Rodrigues (D. Maria do Carmo Pimenta Leite Mon-
(Continua na 4.ª página)



A sra. D. Maria Luisa Athayde mostrando algumas das colecções de bonecas

Coordenado por Maria Mendonça

Não se vende separadamente

O MUSEU DA CRIANÇA

(Continuação da 1.ª página)

conhecer, senão de nome, a ilustre senhora, pois gostaria de ter o prazer de uma troca de impressões com quem à Ilha de S. Miguel tem prestado relevantes serviços no campo da Arte e do Folclore.

Mas, eu nesse dia estava decididamente com sorte e a minha gentil amiga, mesmo sem *procuração* encarregou-se do resto.

E um dia o telefone tocou.

Era a senhora D. Maria Luísa Athayde, que queria dizer-me que teria muito prazer em me servir de cicérone numa visita ao «Museu da Criança»...

Mas, o que é o «Museu da Criança» e quem é a dona Maria Luísa Athayde, eis o que em primeiro lugar é meu dever elucidar.

Perdão, eu queria dizer que em primeiro lugar tenho de fazer a apresentação da Senhora dona Maria Luísa Athayde, porque o que é o «Museu da Criança», será a ilustre senhora a dizer na entrevista que teve a amabilidade de conceder no decorrer do encontro a que me venho referindo.

Dona Maria Luísa Athayde Costa Gomes é uma ilustre dama micalense, descendente de uma das mais distintas famílias açorianas e, o que é de salientar, portadora de uma rara sensibilidade artística e de uma autêntica noção de quanta influência tem nos países — e portanto nas terras — a cultura dos povos, vive a sacrificar o seu bem estar em prol da vida espiritual e artística da sua ilha, de São Miguel, nomeadamente à reconstituição do traço regional micalense.

É filha do saudoso historiador e pintor, fundador do Museu Carlos Machado, o sr. Dr. Luís Bernardo Leite Athayde, e da saudosa e ilustre escritora senhora dona Maria Luísa Vasconcelos Soares d'Albuquerque d'Athayde.

Tendo nascido de Artistas e vivido num ambiente de alto nível cultural, o seu espírito, requintadamente vibrátil às coisas do espírito, desenvolveu-se ao máximo neste campo de verdadeira fecundidade artística.

Companheira de seu pai, na fundação do Museu, ainda em vida deste passou a ser a directora da sua secção de Arte, lugar que ainda ocupa com grande proficiência.

Curso as Belas Artes, sendo pintora de rara sensibilidade e pena é que o seu espírito, avesso a permanente contacto com o público, não tenha consentido a aceder aos diversos convites que lhe têm sido endereçados para expor os seus trabalhos mas estamos esperançados que a Madeira ainda gozará desse prazer e dessa honra...

*

Eu tivera a honra de conhecer os pais da senhora D. Maria Luísa Athayde. Tivera mesmo o ensejo de obter um *Depoimento* sobre a Madeira da ilustre escritora que foi a senhora sua Mãe, mas, não conhecia — nem de vista — aquela que dali a pouco me ia receber. Por isso era esse o nosso

encontro primeiro, e eu, não pude esconder a minha surpresa na hora das apresentações.

Esperava ver uma senhora idosa, circunspecta e, porque não dizer vaidosa, se ele há tanta gente excessivamente vaidosa, sem razão de ser e dona Maria Luísa Athayde possui tudo o que é de envaidecer qualquer mortal?!

Nome, fortuna, talento, bondade e abnegação são coisas que abundam nesta nossa entrevistada. Até um Esposo, até uma filha (também com o Curso Geral das Belas Artes) lhe deu Deus com magnânima prodigalidade.

Mas não. A figura que se me deparou foi a de uma Mulher frágil, simples, acessível.

E, passados minutos nós conversávamos como se já nos conhecessemos há muito. Realmente a sua actividade de há muito era minha conhecida...

E a nossa conversa prolongou-se. Foi no Museu, foi na sua aristocrática residência — que é um autêntico e rico museu — foram horas de inesque-

Delgada, como em geral e na maioria dos casos, as colecções dos Museus de Adultos, não estão expostas de forma a atrair e interessar as crianças, principalmente dos 5 aos 10 anos de idade.

Vi o motivo da confrangedora realidade do número de adultos que actualmente detestam visitas a Museus. Muitas dessas pessoas, com cursos superiores, têm-me afirmado, que sendo em pequenas, obrigadas a visitar Museus com os pais, dessas visitas, apenas guardaram a recordação de uma formidável estafa e um aborrecimento indescritível.

— *E assim pensou que...*

— Os assuntos tratados nas diversas Secções do Museu Carlos Machado, poderiam apresentar-se de forma mais acessível ao entendimento das crianças? Seria possível propor-lhes, de forma sugestiva, assuntos de Arte e Ciências naturais, por exemplo?

E a minha atenção dirigiu-se especialmente para as crianças pobres da minha Terra, que não têm casas bonitas nem confortáveis nem livros que proporcionem a sua cultura, di-



Cena de Jardim—Princípio do século

cível prazer espiritual em que muito aprendi e em que tive o ensejo de ver que ainda há, felizmente, pessoas que vivem a pensar no próximo, com o espírito voltado para Deus e para o Belo. Mas como continuar a falar de Dona Maria Luísa Athayde seria ferir a sua natural modéstia vamos passar, portanto, à entrevista que me foi concedida e no decorrer da qual os prezados leitores ficarão inteirados do que é o «Museu da Criança» de Ponta Delgada, o primeiro do género, o único mesmo que existe em Portugal, e cuja criação foi seu pensamento dominante durante sete anos.

— *Como nasceu a ideia?*

— Por verificar que as colecções do Museu Carlos Machado de Ponta

Delgada, como em geral e na maioria dos casos, as colecções dos Museus de Adultos, não estão expostas de forma a atrair e interessar as crianças, principalmente dos 5 aos 10 anos de idade.

Vi o motivo da confrangedora realidade do número de adultos que actualmente detestam visitas a Museus. Muitas dessas pessoas, com cursos superiores, têm-me afirmado, que sendo em pequenas, obrigadas a visitar Museus com os pais, dessas visitas, apenas guardaram a recordação de uma formidável estafa e um aborrecimento indescritível.

E desejava vivamente a preparação de gerações novas, no amor ao que é belo, útil e elevado, fora do ambiente de estudo necessário e obrigatório das Escolas e Liceus, principiei a organizar o Museu da Criança.

— *Teve a colaboração de alguém?*

— Quiz um feliz acaso que conhecesse em Lisboa a Senhora D. Grace Bettencourt Ferreira. Filha de micalenses, casada com o nosso ex-cônsul

(Continua na 5.ª página)

O MUSEU DA CRIANÇA

(Continuação da 4.ª página)

em Boston Senhor Dr. Bettencourt Ferreira, esta Senhora conhecendo de perto o movimento dos Museus de crianças nos Estados Unidos da América, entusiasmou-me a prosseguir nesta iniciativa, deu-me preciosos conselhos e fez valiosas ofertas de bonecas e brinquedos antigos ao Museu da Criança.

A 12 de Maio de 1960 a Senhora D. Grace Bettencourt Ferreira publicou no «Diário dos Açores» um artigo sobre «As Bonecas nos Museus».

A ilustre entrevistada, como que dando largas ao seu pensamento, acrescentou:

—Meu marido foi, a seguir, o melhor colaborador que tive, na escolha e compra de peças raras, que foram aparecendo nas antiquarias de Lisboa e Porto. Logo que possa, apresentarei ao público os nomes de todas as pessoas que colaboraram comigo.

A Imprensa local auxiliou-me de forma notável e entre as pessoas amigas que me ajudaram, devo desde já, citar o nome do nosso Etnógrafo Senhor Doutor Carreiro da Costa que fez as legendas da sala da História dos Açores.

—Como conseguiu interessar, e consequentemente informar, o público desta obra e do seu valor?

—Através da Imprensa local fui pondo o público ao facto da existência de Museus de Crianças no Estrangeiro e fiz um apelo para que os particulares contribuissem com suas dádivas para o enriquecimento das colecções de Bonecas e Brinquedos existentes.

Maria da Graça Jardim de Ataíde falou na TV às mulheres Portuguesas, numa plestra intitulada «Cultura Infantil—Museus de Crianças».

O «Diário de Notícias» de 5 de Julho de 1962 publicou uma entrevista que me foi feita pelo Senhor Quirino Teixeira.

Fui também entrevistada pela Senhora D. Luisa Roma Balone na Emissora Nacional, e assim sucessivamente surgiram, de vários pontos do País, importantes ofertas, enviadas por uma centena de particulares.

Das primeiras pessoas que responderam ao apelo feito, foi a Senhora Viscondessa do Torrão de Lisboa, que ofereceu, entre outras coisas, uma valiosa caminha de prata.

—Resumindo?...

—O recheio do Museu da Criança de Ponta Delgada foi formado pelas ofertas da Senhora D. Grace Bettencourt Ferreira, pelas colecções que meu marido e eu oferecemos além de muitas dádivas de outros particulares.

Os pobres da minha Terra ajudaram-me de forma notável, Mestres carpinteiros, costureiras fazendo preços excepcionais ao seu trabalho e voluntários que trabalharam de graça.

Por exemplo uma pequena muito pobre, ofereceu uma rara boneca de porcelana alemã. Era da sua avó, único objecto de valor que aquela

família possuía e com tanto amor guardaram que nunca fora utilizada como brinquedo mas sim como adorno. Tinham-na colocado sobre modesta cómoda de pinho, junto ao Menino Jesus.

—As Entidades Oficiais não participaram nesta magnânime iniciativa de V. Exa.?

—Nenhuma entidade oficial participou na aquisição das colecções do Museu da Criança.

Apenas os Directores do Museu Carlos Machado prestaram a sua colaboração cedendo verbas destinadas às suas secções, a favor do Museu da Criança e assim se fizeram vitrinas próprias.

A Junta Geral do Distrito fez as obras nas salas do Museu Carlos Machado para que o Museu da Criança fosse ali instalado e neles funcione até que, em melhores dias, venha a ter um edifício próprio. Então poderá vir a ser um Museu vivo, sendo as crianças acolhidas e orientadas por monitoras especializadas.

Assim consegui estas instalações provisórias que formam uma amos-

— Como projecta o futuro Museu?

—O Museu da Criança está apenas esboçado, o seu projecto é grandioso e abrange 11 secções.

1.ª—História dos Açores desenvolvida.

2.ª—Folclore de todo o Portugal — Folclore estrangeiro apresentado através de bonecas com trajos regionais, quadros em relevo e mapas.

3.ª—Arte: colecção de quadros, esculturas, desenhos e azulejos, devendo ter recinto próprio para exposições, para se fazerem projecções e passagem de filmes. As exposições de escultura deverão ser feitas num jardim.

4.ª—Bonecas e Brinquedos antigos e artísticos: desenvolver as colecções existentes; contar a História da Boneca através dos séculos por meio de gravuras e fotos de várias bonecas desde as primitivas. Depois serão apresentadas as bonecas que temos na colecção desde o fim do século XVIII até à boneca actual, preenchendo as faltas de bonecas típicas, que não temos, com desenhos e fotos.



Praia — Princípio do século

tra do que poderá vir a ser o Museu da Criança, as quais foram inauguradas a 19 de Março de 1963 e ficou a funcionar em 3 salas, como vê.

—A frequência é animadora?

—A estatística das entradas no Museu da Criança desde a sua inauguração é de entusiasmar: uma média de 100 entradas por dia. Por enquanto só podemos abrir o Museu aos Domingos. É de notar que as crianças e os adultos acorrem ao Museu em número considerável, mesmo sem nenhum atractivo de programas organizados.

Creio poder manter a esperança de, no futuro, vir a ser cumprida a missão a que se destina este Museu: a de formar raparigas e rapazes conscientes do meio que habitam, tornando-se, ao mesmo tempo, defensores do nosso Património Artístico.

5.ª—Zoologia: animais preparados e colocados em vitrines com cenários próprios. Será indispensável um *parvilhão de bichos vivos* inofensivos, de preferência bichos que não existam nos Açores.

6.ª—Botânica: deverá ser desenvolvido o assunto já iniciado com mais cortes de árvores, quadros a óleo e quadros com ramos preparados. As legendas deverão fugir a nomes científicos insistindo mais na beleza e utilidade das plantas.

7.ª—Mineralogia: será o assunto já tratado no Museu da Criança desenvolvido, colocando junto dos minerais, mais objectos que atraíam a atenção.

8.ª—Filatelia: será feita uma colecção de selos dos Açores e outra de selos de vários países represen-

(Continua na 6.ª página)

O MUSEU DA CRIANÇA

(Continuação da 5.^a página)

tando crianças ou qualquer assunto que se relacione com a criança.

9.^a - Nunismática: será enriquecida a pequena colecção de moedas existente e feitas outras de maior valor.

10.^a - Astronomia: apresentar-se-á o assunto segundo está estudado nos Museus de Crianças dos Estados Unidos da América.

11.^a - Biblioteca: será das mais importantes secções, instalada em ampla sala, bem iluminada, com mobiliário próprio, proporcionará às crianças um agradável convívio. A leitura deverá ser dirigida e ali funcionará um pequeno Bar. Por preços mínimos as crianças poderão tomar uma refeição leve.

Ainda será necessária uma sala de concertos e cinema.

- Sabemos que esta é a primeira tentativa de um Museu para Crianças em Portugal. Saberá V. Exa. dizer-nos se no país se pensou alguma vez numa idêntica iniciativa?

- Tenho conhecimento de que o Senhor General França Borges, ilustre Presidente da Câmara Municipal de Lisboa está a organizar o Museu da Criança em Lisboa mas não posso transmitir informações pormenorizadas por não saber a que tipo de Museu se está dedicando.

A obra que mais de perto conheço é a do Serviço Infantil do Museu de Arte Antiga em Lisboa.

Não se trata de um Museu de Crianças anexo ao Museu de Arte Antiga, mas a finalidade a que se des-

tina, o Serviço Infantil, é de importância capital. A preparação das crianças faz-se através de visitas guiadas ao Museu de Arte Antiga apelando para sua observação, de forma a aprenderem a ver as obras de arte.

As crianças são também convidadas a dedicar-se a trabalhos artísticos: pintura cerâmica etc. e em diversos ramos podem iniciar-se com o auxílio de competentes professoras.

Este Serviço Infantil foi organizado e orientado pelo Senhor Doutor João Couto com a muito valiosa colaboração da Senhora D. Madalena Cabral.

Após este ameno colóquio percorremos as 3 salas do Museu da Criança, as quais nos foram descritas pela nossa amável cicerone, a saber:

A primeira sala, apresenta a História dos Açores, em quadros a óleo mapas e objectos alusivos.

As legendas que foram escritas pelo Etnógrafo Dr. Carreiro da Costa, referem-se ao Descobrimento, Povoamento, Vulcanismo, Flora, Fauna, Minerais, Caça e Habitação.

Trata-se de uma pequena demonstração, para que mais tarde, venham a ser desenvolvidos estes assuntos, como muitos outros, que por falta de recursos, não puderam ainda ser tratados.

A segunda sala tem cerca de 90 bonecas antigas e brinquedos raros formando conjuntos que atraem, por evocarem épocas recuadas, ou divertem pelo graciosidade das atitudes e o humor com que foi feita a composição dos mesmos.

As legendas são uma conversa da Boneca com a Criança e no futuro cada boneca deverá ter pelo menos 20 legendas, para serem mudadas de tempos a tempos e a criança ter a curiosidade de ler o que a Boneca transmite.

Na terceira sala está iniciada uma pequena Biblioteca.

Os livros estão agrupados e esses agrupamentos são interceptados por objectos alusivos aos assuntos versados.

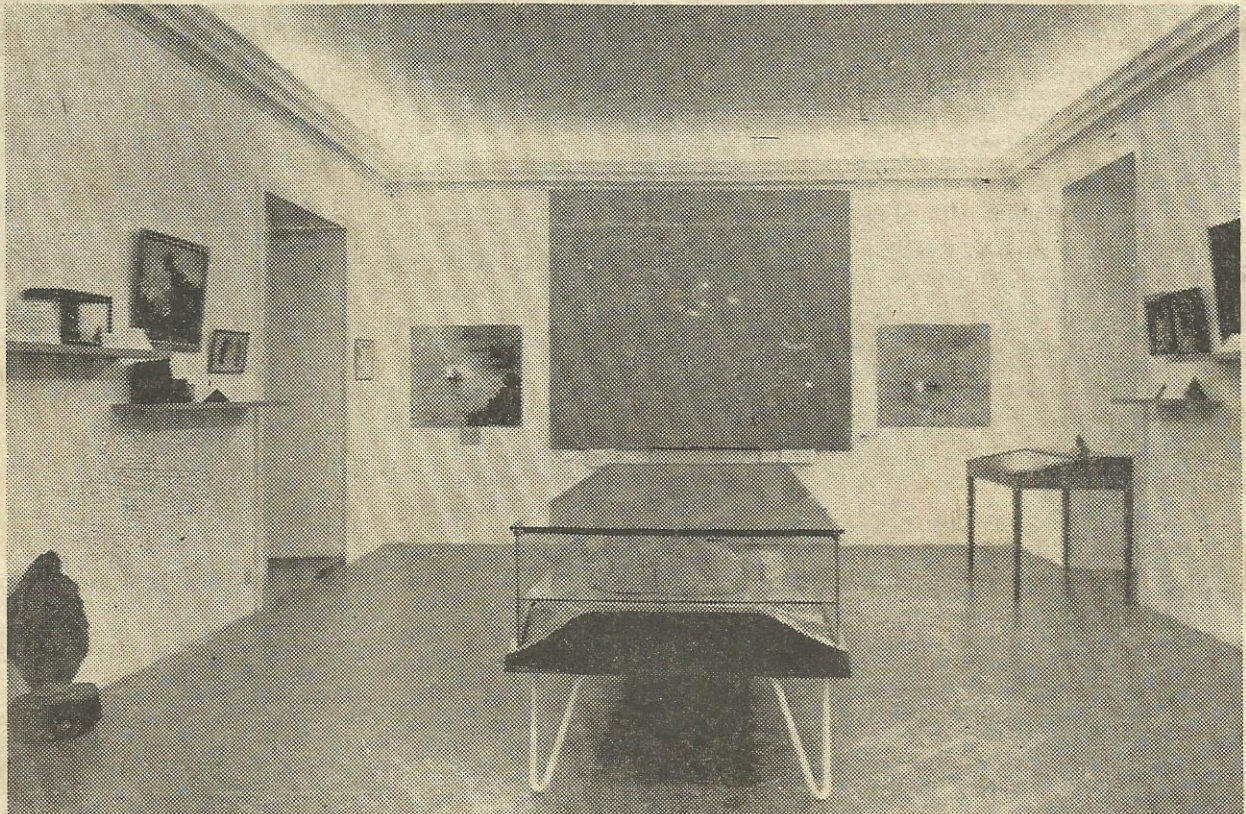
No fundo desta sala, estão expostos quadros pequenos, esculturas, azulejos etc.

Estão provisoriamente colocadas no centro da mesma sala algumas vitrines que se relacionam com Ciências Naturais e uma com moedas.

Depois de tão maravilhoso encontro que entusiasmei de tal sorte que nem demos por que a tarde esmaíca, despedi-me a pensar na utilidade que teria para o desenvolvimento do gosto pelas coisas de Arte a criação de muitos Museus idênticos, em todo o país e, em particular na nossa Madeira tão pobre no tocante a museus...

E ao despedir-me da Senhora D. Maria Luisa Athayde fiquei a cogitar do interesse que teria convidar esta Senhora para vir à Madeira lançar a ideia, e os alicerces, convite este que por certo a distinta senhora não declinaria, pois para a sua sensibilidade artística não há lugares a distinguir mas humanidade a servir!

(Conclue na 7.^a página)



Sala de História dos Açores

O MUSEU DA CRIANÇA

(Conclusão da 6.ª página)

Aqui fica a sugestão e que me perdõe a Directora e fundadora do Museu da Criança de Ponta Delgada, que me perdõe, dizia, o meu egoísmo em a querer meter em mais trabalhos.

Esperando um dia ver generalizada a todo o país esta magnânima obra cultural da Senhora Dona Maria Luísa Athaide, aqui lhe deixo expresso a minha admiração pela sua actividade em prol da criança e o muito obrigado por todas as gentilezas que me dispensou.

Maria Mendonça

No 1.º aniversário da Morte

do HISTORIADOR MADEIRENSE
PADRE PITA FERREIRA

No passado dia 9 deste Outubro outonal, decorreu o 1.º aniversário do passamento daquele que foi um sacerdote exemplar, um amigo leal e um grande historiador madeirense — o Padre Manuel Juvenal Pita Ferreira.

Morreu a meio do caminho quando ainda muito da sua inteligência havia a esperar, sem ter conseguido concluir numerosos estudos que trazia entre mãos.

O P.º Pita Ferreira morreu em Outubro de 1963, mas o último ano da sua vida foi de agonia. Agonia lenta, surda, pois ele, inteligente como era, sabia que estava condenado, e a sua preocupação durante esse ano da ascensão ao calvário, era completar alguns dos trabalhos que tinha entre mãos. Não sabemos se o conseguiu, mas se assim sucedeu, por certo que eles não ficarão no original e as entidades oficiais devem dá-los à publicidade.

Para já, e neste 1.º aniversário da sua morte, queremos apenas alvitrar que que se perpetue a sua memória, de maneira condigna — com uma rua, com um busto, não sabemos, porque a decisão compete aos homenageadores.

QUEM ÉS TU?

A ti—que me inspiraste nestes versos—tos dedico, como prova de profunda amizade

I

Quem és tu meu amor,
que loucura fez-me ver-te
pequenina tão singela,
tendo medo de perder-te?

II

Quem és tu meu amor
Que palavras afirmas
que me invades ternamente
sôzinha, quando suspiras?

III

Quem és tu meu amor
que me levaste a falar-te
a sentir o teu calor
quando quiz abraçar-te?

IV

Eu sei quem és!
Não afirmo, mas sei
Vivo quando vives
Amo-te como nunca amei.

V

És pequenina, mas graciosa
de mãos dadas tão macias
que quando as junto ao meu peito
sinto as minhas tão vazias.

VI

Perguntarão, quem és tu?
Responderci: nem eu sei.
Gosto de ti pequenina
E por isso amar-te-ei.

J. L. C.

Terra do meu orgulho

Raposo de Oliveira

Mar largo. O Vento canta. O navio estremece.
A alma de Irei Gonçalo erra sobre estes mares.
Sereias na praia ao alto. O roteiro esclarece.
Brilha Venus a ré. Começa a dealbar.

Sinto na boca impura o aroma duma prece.
O coração ansioso é um sino a repicar,
Céu e mar um Templo azul que resplandece.
De joelhos. S. Miguei surge em seu verde altar.

O' terra de meus pais. Arca do meu afecto.
Mais linda das que eu vi, de olhar saudoso e in-
buscando-te rival entre os jardins do mundo. [quieto]

Terra do meu orgulho. Último bem que espero.
Mãe de Bento de Goes e mãe de Santo Antero
Beijo, alma de raço, o teu ventre fecundo.

OBRAS EM FASCICULOS

A CAÇA EM PORTUGAL

Editorial Estampa

Pela «Editorial Estampa» de Lisboa, acaba de ser distribuído o fascículo 18 da valiosa obra «A Caça em Portugal» que tão grande acolhimento tem tido por parte dos aficionados.

Da autoria de diversos mestres a sua apresentação gráfica está à altura do texto que é documentado com muitas gravuras.

A CONQUISTA DO ESPAÇO

Eurico Fonseca

Acabamos de receber o fascículo n.º 6 da obra «A Conquista do Espaço» da autoria de Eurico Fonseca, que é também o editor.

Este livro que descreve os pioneiros da conquista do espaço é altamente documentado por valiosas fotografias e o aspecto gráfico geral é muito bom, como valioso é o seu texto, no campo de uma ciência que hoje apaixonou o mundo — a Conquista do Espaço.

PARTIDA

a César Pestana

Sob a tormenta em nuvens repassadas,
Cai sobre a terra a chuva maternal,
Dando seu leite às selvas minguadas
E aos regatos a linha de cristal.

A várzea reverdesse, e o pinheiral
Solrendo a lúria agreste das nortadas
Bebe severamente e sem rival,
As águas que do Céu são enviadas.

Mas na choupana, há dor e há tristeza,
Há muito que não vai sentar-se à mesa
O filho que seu Lar abandonou,

E a boa mãe continua a esperar,
Na esperança de poder inda abraçar
O filho que partiu e não voltou.

César Gomes Vieira

Arquipélago da Madeira

— Maravilha Atlântica
por Maria Lamas

Musa Insular — Poetas da Madeira
por Luis Marinho

são duas obras de grande interesse
editadas pela

Editorial Eco do Funchal, Lda.